

# A latrina, a lua e o escafandro

**Junior Magrafil**

I

Interações visuais, depois sonoras,  
faces desconhecidas, e, após na latrina,  
regavam sotaques,  
uniam lugares,  
iniciavam sentidos, olhares, sentidos;  
provocavam confiança desconfiada,  
e quando aseados,  
trilhando o caminho em retorno  
ao comunitário do sono,  
conversando, conhecendo, concebendo;  
concorrendo dermes e epidermes, entre ela;

II

Corria-me por dentro o sangue  
com tal rapidez que as carnes  
fervilhavam de êxtase, e, assim,  
passamos a entender o que ocorria,  
na verdade.

III

No silêncio ela dizia:

– Vão-te!

Então, apenas a lua fitava a situação,  
somente aqueles pernilongos insanos,  
num período hermético,  
belo tom discreto de violoncelo,  
comprido e rápido;  
completo e partido; e logo,  
novamente, voltando àquele local  
onde ela sonhava,  
partiam para um sentir unido  
no plano coberto.

IV

Carícias: um quase coito maduro  
e inocente e visual, somente,  
ao mesmo tempo – presumido;  
e nós, dispostos ali até depois,  
o tempo ia-se casualmente  
e mais um momento raiava.

V

Viam-se em parceria constante;  
convenciam-se de que era adequado,  
e desde a alvorada até o fim do crepúsculo  
não lhes passava nada no leito das idéias  
que não fosse o brioso encontro.

VI

Fui levemente domado contigo,

talvez por decência,  
talvez por exaustão,  
talvez, ou de certo, ainda,  
que fosse porque teu sonho e teu sorriso  
foram capazes de paralisar-me  
e consumir-me aos poucos;  
e nesse consumo  
(consumação verdadeira dos fogos),  
nossas carnes ardiam num atrito  
que iniciava pelos lábios.

## VII

Cortavam-se com transeuntes doentes,  
tentando conhecer o que maldizem,  
mas logo, voltavam à consumação  
que só o que fazia era ascender;  
o tato rastejava,  
as mãos sussurravam por entre as vestes;

## VIII

Os olhos projetavam cenas eróticas de amor:  
um escafandro pessoal que apenas nós,  
sendo um, naquele instante,  
veríamos numa versão virginal.  
Não suportando a força de tanta emoção contida,  
transportamo-nos para o único lugar previsto nosso,  
durante aquela ferveção de almas  
altas e tortas e loucas e tontas,  
e que só pôde conter as vestes por segundos;

## IX

Lá, defronte a obstáculos humanos,  
dispersos em leitos suspeitos de alçarem-se,  
o encontro progredia numa clausura  
não-cárcere, não-reclusão;  
um ponto guardado apenas para eles  
e seus desejos doentes  
por legítima vontade e disposição.

## X

Roçamos os lábios, fervemos o sangue,  
cantamos os punhos e as bocas reciprocamente,  
e, felizes, sorrimos;  
depois, transformamo-nos num emocionante  
jogo de encanto e encaixe,  
levantando, suando, abaixando, molhando, soando,  
elevando aos ares toda essa interação bucólica.

## XI

Eram instrumento vivo da excitação,  
escravos da dor boa,  
convencidos a perpetuar até o fim:  
a antiga e ferosa arte orgástica  
resultante da atração e repulsão de corpos  
quentes e úmidos.

## XII

Nesse instante de pino,

entrelaçavam-se os abraços,  
as bocas sussurravam palavras  
e beijos amantes,  
na intenção de guardá-los  
no reflexo de seus olhos.

Caxias-MA, 14-04-2009

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/a-latrina-a-lua-e-o-escafandro>